

**AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO
DA LEITURA E ESCRITA: ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DO 3º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA EM
IRAUCUBA-CE**

Cícero Francisco de Araujo Junior¹

Joelma Damasceno Alves²

Maria Rejane Gomes da Silva³

Resumo

Este artigo apresenta as dificuldades do processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita que se apresentam como as habilidades da linguagem verbal mais complexa. O ponto de partida para a realização desta pesquisa foi às atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID). Nossa pesquisa foi realizada no Centro Educacional Antônio Barbosa Braga em Irauçuba – CE, tendo como sujeitos do estudo os alunos do 3º ano do ensino fundamental. Optamos por fazer uma pesquisa bibliográfica a luz do teórico COELHO (1991) e outros que tratam do assunto, e por aplicar o teste das quatro palavras e uma frase de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, em cinco alunos, no intuito de identificar em que nível de leitura e escrita eles se encontravam. Sendo assim constatamos nesta pesquisa que as expectativas das crianças diante da escola e do ensino proporcionado por ela não estão mais tão tocantes. A falta de estímulo para os estudos reflete nas dificuldades de aprendizagem das crianças que não apresentam nenhuma dificuldade mental ou física. Por tanto estes estudos nos proporcionaram um olhar mais técnico diante de um problema comum na educação básica, a dificuldade na leitura e escrita. Diante deste resultado e na condição de bolsistas do PIBID, nos propomos a apresentar a professora, novos métodos de ensino com base nos teóricos estudados, sendo que os que estavam sendo utilizados não permitiram um aprendizado eficaz para as crianças que em pleno 3º ano do ensino fundamental, ainda se encontram sem ler e escrever.

Palavras-chave: Dificuldade; Aprendizagem; Aquisição; Leitura e Escrita

¹Aluno do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú –UVA, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID)

²Aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú –UVA, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID)

³ Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú –UVA, Supervisora Adjunta do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID)

INTRODUÇÃO

A leitura, a escrita, a fala e a escuta são as quatro habilidades da linguagem verbal, onde a leitura e a escrita são as mais complexas. Devido a essa complexidade não é à toa que encontramos muitos casos de alunos terminando o ensino fundamental e que ainda não conseguem ler e escrever com eficácia.

Neste sentido este artigo tem por objetivo analisar as dificuldades do processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita que se apresentam como as habilidades da linguagem verbal. Como ponto de partida para a realização desta pesquisa teve as atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), nosso trabalho deu-se no Centro Educacional Antônio Barbosa Braga em Irauçuba – CE com os alunos do 3º ano do ensino fundamental.

Certos de que encontraríamos todos os alunos lendo e escrevendo, observamos que pelo contrário alguns deles ainda se encontravam em fase de alfabetização. Com esta pesquisa procuramos desenvolver algumas atividades para entender em qual nível de leitura e escrita se encontravam as crianças, usamos da teoria de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986) para nossas intervenções, como também de sua colaboração dos estudos acerca da psicogênese da língua escrita.

Buscou-se também as contribuições de teóricos que tratam desta temática que nos apontam, causas da dificuldade na leitura e escrita, e o papel da escola e do professor diante dessas dificuldades.

Quando encontramos na prática alunos que ainda não sabem ler nem escrever mesmo com idade dita adequada para a leitura, e quando todos os esforços foram usados para que eles cheguem à aquisição da leitura e escrita, e mesmo assim eles não alcançam os objetivos dentro de uma turma com a maioria de alunos ditos avançados, mediante a isso surgem os questionamentos. Porque ele não aprende? Qual procedimento deve ser colocado perante este desafio? Quais as causas reais do não aprendizado do sujeito?

A resposta a esses questionamentos não vêm ligeiramente a não ser através de um árduo trabalho onde se desenvolva: pesquisa investigativa, identificação das causas, intervenção quando necessário e mediante as dificuldades no desenvolvimento da leitura e escrita da criança.

2. DIFICULDADES NA LEITURA E ESCRITA

De acordo com Coelho (1991), as dificuldades de aprendizagem no processo de aquisição da leitura podem ser divididas em quatro categorias: dificuldade na leitura oral; dificuldades na leitura silenciosa; dificuldade na compreensão da leitura e a dislexia.

Dificuldade na leitura oral: as informações recebidas pelas crianças chegam ao cérebro de forma distorcida, devido à alteração da percepção visual e auditiva e por esse motivo elas trocam ou confundem as letras.

Dificuldade na leitura silenciosa: ocorre quando a criança tem uma distorção visual e apresenta lentidão e dispersão nas leituras, ficando perdida no meio do texto, repetindo a leitura de trechos que já haviam sendo lidos.

Dificuldade na compreensão da leitura: isso ocorre por que se faz necessário a ampliação do vocabulário e a habilidade reflexiva para que a criança consiga compreender o que o texto fala.

Dislexia: é a dificuldade de reconhecer e diferenciar os símbolos gráficos desde o início do processo de alfabetização. A dislexia é um distúrbio específico de linguagem podendo ser considerado o distúrbio o mais comum da aprendizagem.

As dificuldades de aprendizagem no processo de aquisição da escrita se dão por meio da disgrafia; da disortográfica; e erros de formulação gramatical.

Disgrafia: é a falta de habilidade em passar para a escrita o estímulo visual das palavras, a criança apresenta lentidão nos traçados das letras e geralmente de forma ilegível. A criança disgráfica não é portadora de defeito visual nem motor, e nem tem comprometimento intelectual ou neurológico, ela simplesmente não consegue idealizar no plano motor o que apreendeu no plano visual.

Disortografia: é quando o aluno não consegue transcrever de forma correta da linguagem oral para a escrita, fazendo a troca de letras na ortografia. Além de fazer essas trocas, apresentam dificuldades para lembrar a seqüência dos sons nas palavras que se formam mentalmente, fazendo assim: omissões; adições; inversões; e junções de letras nas palavras.

Erros de formulação gramatical: apesar de a criança ler fluente, copiar e compreender textos apresenta uma grande dificuldade para elaborar seus próprios textos, geralmente omite palavras, as coloca de forma desordenada e utiliza verbos, pronomes e pontuações de forma incorreta.

Como podemos observar, as dificuldades de aprendizagem são vivenciadas diariamente por vários educadores, essas dificuldades vêm frustrando a maior parte deles por não encontrarem soluções para esse problema, Corrêa (2001) destaca que "pesquisas sobre as representações que os professores têm do fracasso escolar denunciam que eles estão convencidos de que o problema é do aluno e da sua família". Transferindo assim a culpa de todo fracasso dos alunos para fatores externos à escola. Ao invés de tentar juntamente com a família solucionar essas dificuldades dando aos alunos oportunidade de reconstruir-se como autores de seu próprio aprendizado.

Diante deste novo pensamento. A noção de conhecimento de que há uma rede de concepções e de modelos. Na qual nenhuma parte é mais importante que a outra. Vale dizer que não poderíamos priorizar. Ou até mesmo culpar uma das partes que compõem o universo da aprendizagem de uma criança. Que é sua família; ela mesma, sua escola, sua cidade. Como educador pretende entender a tua dinâmica em que os acontecimentos e seus diferentes entendimentos são compartilhados: A estrutura pessoal da criança, a dinâmica familiar, seu ambiente afetivo, a condição sócio-econômica e cultural, os recursos de que dispõe sua cidade e como a criança se constrói inserida nessas relações de saberes e de poderes. O sintoma de Dificuldades de Aprendizagem aqui é compreendido como parte da formação da estrutura do todo (CAPRA, 1997, in MENDONÇA).

Com base nesse pensamento, podemos afirmar que o professor deve entender o contexto social em que estas crianças se encontram, para compreender como se dão essas dificuldades no processo de aprendizagem.

O método que faz com que a criança passe horas e horas repetindo uma letra, ou uma sílaba, até chegar a memorização, não é leitura, pois a criança está simplesmente decifrando os códigos, sem ao menos saber o sentido das palavras e deste modo não aprendeu a ler, daí, o surgimento do analfabeto funcional.

Então se faz necessário que o professor reveja os seus métodos de ensino, levando o aluno a vivenciar cada situação para que ele possa aprender sem ser de forma mecânica, pois o papel do professor é estimular o aluno, fazendo uma mediação entre seus conhecimentos prévios, ajudando-o a encontrar a resposta correta. Trabalhar as palavras partindo de um texto, para que as crianças compreendam e assimilem melhor o que lhes é ensinado.

3.O PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR DIANTE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

O estudo realizado in lócus no Centro Educacional Professor Antonio Barbosa Braga, no Município de Irauçuba – CE, foi desenvolvido na turma de 3º Ano do Ensino Fundamental com alunos 9 e 10 anos. O eixo norteador foi a teoria construtivista com base no obra Psicogênese da língua escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky entre outros. Por meio de uma pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo que se deu através da observação direta.

Durante o período de observação dos alunos do 3º ano, no segundo semestre de 2011 e no primeiro semestre de 2012, descobriu-se vários obstáculos no processo de aquisição da leitura e da escrita de algumas crianças, portanto para vencer estas barreiras, se fez necessário realizar um estudo a cerca de como se dá esse processo de aprendizagem, daí surgiu à preocupação em proporcionar momentos que se desenvolva o interesse pela leitura e escrita, de forma que a criança possa vivenciar essas diversas situações em que elas possam manifestar suas dificuldades de aprendizagem através de atividades propostas.

Enquanto iniciantes da docência do curso de Pedagogia devemos proporcionar, a essas crianças que possuem Dificuldades no processo de Aprendizagem, uma intervenção Pedagógica adequada ao método de ensino – aprendizagem, para que elas desbloqueiem suas dificuldades, facilitando assim, a dinâmica em sua aprendizagem.

Ferreiro e Teberosky, 1985, p. 08) afirmam que:

Se reconhecermos que os conhecimentos infantis são determinados pelas possibilidades de assimilação do sujeito e pelas informações do meio, podemos admitir que é num contexto de socialização que as crianças irão confrontar diferentes pontos de vista e construir seus conhecimentos. Cabe á escola possibilitar á criança vivenciar situações que irão favorecer conflitos – cognitivos e soltos conceituais em direção á apropriação da escrita / leitura.

Quando encontramos na prática alunos que ainda não sabem ler nem escrever mesmo com idade dita adequada para a leitura, e quando todos os esforços foram usados para que o eles cheguem à aquisição da leitura e escrita, e mesmo assim eles não alcançam os objetivos dentro de uma turma com a maioria de alunos ditos avançados, vêm em diante vários questionamentos.

Aprender a ler e escrever é um desafio para as crianças, que se não forem estimulada podem não sentir prazer nesse processo. Haja vista que o processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita para os alunos do 3º ano não eram novidade e que eles já vinham desde o 1º ano nesse processo, constatamos que o estímulo ao estudo e contextualização do ensino com o seu cotidiano não era eficaz, decidimos propor intervenções, que imediatamente foram aceitas pela coordenação da escola.

3.1 Teste das quatro palavras e uma frase da Emília Ferreiro e Ana Teberosky

Atentamos por aplicar o teste das quatro palavras e uma frase de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, com o intuito de identificar em qual nível da escrita eles se encontram. Tendo em vista que os alunos, por estarem no 3º ano já deveriam estar em um nível de leitura mais elevado, pois é o que se espera que nessa faixa etária de idade.

Antes de tratarmos dos resultados do teste das quatro palavras e uma frase, apresentamos um pouco dos conceitos de cada período ou fase da linha de evolução da escrita, apontado por Ferreiro e Teberosky.

Os grandes períodos da linha de evolução da escrita são: hipótese pré-silábica; hipótese silábica; hipótese silábico-alfabética e hipótese alfabética. O primeiro período se caracteriza por uma falta de compressão com relação entre ao registro gráfico e o aspecto sonoro da fala, assim não demonstra intencionalidade em registrar o tipo de linguagem sonora, porém dentro desta fase há certo avanço, quando a criança passa de escrita indiferenciada para uma diferenciação nos grafismos produzidos.

O segundo período é aquele cuja criança inicia o estabelecimento das relações entre o que se escuta e o que se escreve, ela passa a atribuir a cada letra o registro de uma sílaba falada, outra característica marcante deste período é presença de potenciais conflitos entre a hipótese silábica e hipótese da quantidade mínima de caracteres e o acréscimo da escrita convencional.

O próximo período é o silábico-alfabético, neste a criança utiliza ao mesmo tempo as hipóteses silábica e alfabética com mudanças importantes no seu desenvolvimento, sendo um momento de transição à mesma agrega mais letras à escrita, aproximando-se ao princípio alfabético.

O último período apontado por Teberosky (1986) é o período alfabético, aqui a criança já deve ter vencido os obstáculos conceituais para a escrita, nesta fase para ela cada letra corresponde a menor unidade da escrita, mas a mesma não alcançou as regras normativas da ortografia mesmo com a escrita compreensiva.

As palavras utilizadas estavam relacionadas à alimentação do cotidiano deles: batata, água, prato e pote. A frase era a seguinte: Batata no prato. Durante a aplicação do teste notamos que as crianças esperavam por indicação das letras como se sempre que escrevessem alguém as ditasse ou mostrasse-as, duas das crianças chegaram ao ponto de esquecer como se

escreve a letra r, sem falar que nenhuma das cinco crianças escreve com a dita “letra cursiva”, mesmo as palavras sendo ditadas, eles não conseguiam escrevê-las.

O teste foi realizado com cinco crianças, sendo identificadas pela letra inicial de seus nomes “E”, “B”, “L”, “V” e “A”. O teste nos confirmou que as crianças se apresentam em diferentes níveis do processo de alfabetização, o que reforça a fala de Teberosky e Ferreiro ao afirmarem que a aquisição da leitura e escrita é um processo contínuo e individual e que suas hipóteses devem ser identificadas, respeitando o desenvolvimento de cada criança no processo de aquisição da leitura e escrita.

A criança: “E” se apresenta como o caso mais crítico, pois ainda encontra-se escrevendo apenas uma letra para cada sílaba, no caso a segunda letra da sílaba, apenas em uma palavra ele escreveu uma sílaba completa, isso nos faz entender que a criança encontra-se na fase pré-silábica.

A criança: “B”, encontra-se em fase de transição de hipótese estando no período chamado de silábico-alfabético, em sua escrita agrega mais letras que no nível anterior sendo que neste período ele se aproxima do princípio alfabético.

As crianças: “L”, “V” e “A” encontram-se no último período da linha de evolução da escrita, na chamada hipótese alfabética, parecem ter vencido os obstáculos que antecedem esse nível, eles conseguem representar as palavras representando as sílabas como se deve escrever, mas não alcançaram as regras normativas de ortografia.

Como o nosso objetivo é também a leitura, trabalhamos a soletração, a entonação da pronúncia das palavras, para que as crianças cheguem ao reconhecimento das palavras entendendo o significado das mesmas.

A partir da aplicação do teste observamos a tradicional metodologia pedagógica utilizada com as crianças, métodos os quais parecem não funcionar mais, pois muitas delas apresentam dificuldade na leitura e escrita. Os métodos usados em sala de aula, eram a repetição do alfabeto, consoantes, vogais e sílabas, muitas das crianças repetem as letras, mas quando é solicitado elas não conseguem nem ler nem escrever, pois com o método da repetição elas simplesmente falavam de forma mecânica onde não compreendiam o significado das mesmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises propostas com o teste, foi possível verificar na prática o quanto as teorias de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, em relação à aquisição da leitura e da escrita.

Também nos foi possível perceber que a construção desse processo é de acordo com cada aluno, pois cada criança possui um ritmo próprio. E que o interesse que a criança tem pela leitura, faz com que a sua evolução seja mais eficaz para um êxito maior em seu processo de aquisição da leitura e da escrita.

Durante o período em que observamos, foi possível perceber que as atividades lúdicas são um instrumento de mediação, para desenvolver as habilidades e as competências quanto à leitura e a escrita, exigidas pelo sistema educacional de ensino, propomos fazer uso das mesmas para que através do lúdico, possa surgir um interesse maior dos alunos na aquisição de conhecimentos. Pois de acordo com (BROUGÈRE, 1998, p. 122):

O jogo é um fim em si mesmo para a criança; para nós deve ser um meio. Daí este novo de jogos educativos, que tende a ocupar cada vez mais espaço em nossa linguagem e pedagogia. Não se trata, portanto, de deixar a criança livre de sua atividade, abandonada a si mesma: a criança deve jogar, mas todas as vezes que você lhe dá uma ocupação que tem a aparência de um jogo, você satisfaz essa necessidade, e ao mesmo tempo, cumpre seu papel educativo.

Por meio das atividades lúdicas o professor faz com que as crianças se interessem mais, pelo processo educativo, ajudando-os a aprender, fazendo de uma atividade que não é interessante, se tornar atrativa, podendo ser utilizada desde as crianças com dificuldades, até aquelas que não as possuem.

A partir do momento em que o aluno passa a ser considerado como o principal agente de seu conhecimento, torna-se mais fácil a aquisição do mesmo. Assim, segundo Elias (2000, p. 198), o educador precisa:

Conhecer o seu aluno e valorizar as habilidades que ele possui criando oportunidades para que ele possa desenvolvê-las e potencializá-las. Influenciando muito no que o aluno irá aprender, o aluno não é passivo, mero receptor, mas está em constante atividade, tudo quer conhecer cabendo à escola não anular esta vivacidade e esse interesse com imposições e, sim, ativá-los constantemente.

Segundo Nunes (1992), a criança entra na escola em meio a um clima de expectativas no tocante à tarefa de aprender a ler e a escrever, a alfabetização é, sem dúvida, a meta que deve ser alcançada por ela, deixando pais e professores ansiosos. Não se pode desacreditar no sucesso da criança sadia, que ingressa na escola, já sabendo falar, que reconhece objetos, capaz de executar tarefas que coincidem com sua idade cronológica e cognitiva, porém o que

deve ser considerado pela família e pelos professores é que ler e escrever requer da criança novas habilidades, habilidades estas que não faziam parte do seu cotidiano até então.

Sendo assim constatamos que as expectativas das crianças diante da escola e do ensino proporcionado por ela não estar mais tão tocante. A falta desse estímulo reflete nas dificuldades de aprendizagem das crianças que não apresentam nenhuma dificuldade mental ou física. Por tanto estes estudos nos proporcionaram um olhar mais técnico diante de um problema comum na educação básica, a dificuldade na leitura e escrita.

REFERÊNCIAS

BROUGÉRE, G. **Jogo e Educação**. Porto Alegre: Arte Médicas. 1998.

COELHO, M. T; JOSÉ, E. A. **Problemas de aprendizagem**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991.

CORREA, M. H. **Trabalhando a Língua Portuguesa com Criatividade Prazer: Um Novo Caminho no Ensino**. São Paulo, ed. Scipione, , 1997.

FEIL, Iselda Terezinha Sausen. **Alfabetização: um desafio novo para um novo tempo**. Ijuí: Vozes/Fidene, 1987.

MENDONÇA, Edinalva Sidronêz de. **Estudo das dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita no Segundo ciclo do ensino fundamental no município de lagoa Salgada-RN.**

Rio Grande do Norte. Disponível em:

<http://webserver.falnatal.com.br/revista_nova/a5_v1/artigo_2.pdf>. Acesso em: 12 de mai. 2012.

NUNES, Terezinha. **Dificuldades na Aprendizagem da Leitura: Teoria e Prática**. São Paulo: Cortez, 1992.

TEBEROSKY, Ana & FERREIRO, Emília. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.